

A religião no Brasil: reflexões

Auguste Comte desenvolveu a teoria dos três estágios, onde o teológico, como explicação da realidade, seria o primeiro. Na filosofia, em geral, aceita-se que o mito, como forma de abrandar a angústia, explica a realidade. As religiões veem aí seu ponto de partida: Primeiro atribuindo divindade às coisas, depois transformando as coisas e as forças da natureza em deuses funcionais e por último chegando ao deus pessoal.

É importante percebermos que a religião permeia toda a realidade humana, sendo impossível entender as motivações humanas descartando a sua relação com a divindade. Vamos, então, refletir aqui, sobre as principais religiões que contribuíram para a formação da mentalidade brasileira.

Sincretismo e preconceito

Gilberto Freyre, em *Casa grande e Senzala*, destaca a organização social e política a partir da casa-grande, a miscigenação, o convívio dos proprietários e dos escravos e a presença indígena na formação do Brasil híbrido, com participação do branco, do índio e do negro.

A organização econômica da sociedade brasileira, a qual era baseada na agricultura do açúcar se deu em torno da casa-grande e das pessoas as quais moravam nela, definiram os aspectos religiosos, alimentares e de convívio da sociedade brasileira.

O poder da Igreja Católica, a imigração dos mouros e judeus e a iniciativa privada na colonização, a herança da cultura africana (lendas, mitos, rituais, festas e astrologias), os ritos e crenças indígenas, agregam-se, misturam-se contribuindo para o desenvolvimento cultural da sociedade brasileira. A religião na formação brasileira é sujeitada ao catolicismo, um "cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crenças da senzala." (FREYRE, in Zanati, 2016). Esse catolicismo luso-brasileiro enquadrado ao novo ambiente como resultado do equilíbrio entre as raças, não nos esquecendo de um fator preponderante que é a predisposição do português para a colonização híbrida explicada pelo "passado étnico, ou antes, cultural, de um povo indefinido entre a Europa e a África" (FREYRE, in Zanati, 2016), antes de chegar ao Brasil. Freyre remete a ideia de que nos espaços de relacionamento entre os portugueses, os negros e os índios havia uma harmonia abrandada e de certa forma inserida de ambos os lados, inclusive na questão religiosa, mesmo que de preponderância cristã.

Sobre o modo de vida do índio e salienta-se principalmente as "relações sexuais e de família; magia e a mítica" (FREYRE, in Zanati, 2016), os quais se integram à cultura portuguesa. Um dos primeiros choques entre indígenas e Portugueses foi à questão religiosa do casamento entre laços sanguíneos relatados pelo padre Anchieta em que os próprios padres realizavam os casamentos.

Gilberto Freyre refere ao misticismo como resposta ao surgimento de manifestação religiosa que percebe na sociedade, que observa preferencialmente no índio, mas também nas práticas portuguesa e africana. Freyre atribui aos europeus a culpa pela degradação da raça e da cultura indígena, e define a diferença entre raças com a distinção de superiores e inferiores. Neste momento ele enfatiza que o contato dessas duas só pode produzir ou extermínio ou degradação. Assim podemos observar que para Freyre, no Brasil a raça indígena "intoxicou" a moral católica, mas ao mesmo tempo também observamos que foi o catolicismo que "sufocou" muitos modos de vida indígena, como algumas danças e festividades, "procurando destruir, ou pelo menos, castrar, tudo o que fosse expressão viril de cultura artística ou religiosa em desacordo com a moral católica e com as convenções europeias." (FREYRE, in Zanati, 2016).

Para Freyre "O brasileiro é por excelência o povo de crença no sobrenatural" (FREYRE, 2006, p. 212) e caracteriza a crença no sobrenatural na cultura brasileira derivada da herança ancestral primitiva, inclusive também a selvageria, das quais se entende como resultado de "culturas oprimidas explodindo para respirar" (FREYRE, in Zanati, 2016).

Devido à cultura portuguesa ter sido influenciada tanto pelos judeus, quanto pelos mouros, já provinha de antagonismos religioso da Europa e teve facilidade para colonizar a América tropical e absorver outras influências ou ainda tolerá-las. Assim, compreendemos a sociedade colonial cheia de sincretismo religioso, como por exemplo, algumas festas aos santos com presença afrodisíaca africana como a festa de São João, ou a proteção de Santo Antônio, "um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil" (FREYRE, in Zanati, 2016), e ainda o culto a São Gonçalo repleto de "elementos orgásticos africanos que teria absorvido no Brasil" (FREYRE, in Zanati, 2016). Para Freyre a sobrevivência pagã no cristianismo português teve papel importante.

Existe uma relação entre as diferenças de religiosidades na atuação cultural desenvolvida na formação brasileira, em que "forçosamente o catolicismo no Brasil haveria de impregnar-se dessa influência maometana como se impregnou da animista e fetichista, dos indígenas e dos negros menos cultos." (FREYRE, in Zanati, 2016), além das "práticas em que às influências africanas misturavam-se, muitas vezes descaracterizados, traços de liturgia católica e sobrevivência de rituais indígenas" (FREYRE, in Zanati, 2016).

Concluimos chamando a atenção às influências africanas, misturadas com as liturgias católicas e rituais indígenas, destacando uma sociedade sincrética, realmente misturada, afirmando assim, um catolicismo (religião oficial) não tão rigoroso como o europeu, mas flexível, permitindo um conviver de diversas crenças e mentalidades.